

SOBRE A LITERATURA E O MAL

Nogueira, Carlos (2022).
José Saramago: A literatura e o mal
(Lisboa: Tinta-da-China)

José Saramago: a literatura e o mal, de Carlos Nogueira, é produção de 415 páginas, editada pelas Edições Tinta-da-China, em 2022. Esta recensão se propõe à crítica dessa densa pesquisa, assentindo a determinadas considerações e discordando de outras, ciente da solidez da tese e do seu ensinamento sobre o exercício crítico.

Seu objeto é a obra de José Saramago, objetivando contribuir à compreensão da problemática do mal, questão que perpassa o modo de pensar do autor português. Há, porém, objetivos calçados no seu âmbito pessoal:

[...] são dois, no essencial, os grandes propósitos (interligados) que me impelem a olhar para a obra literária de Saramago à luz da questão do mal, em diálogo aberto com a história, a religião, a filosofia, a política, a antropologia, a sociologia, a psicologia, a medicina, etc. Pretendo atingir um entendimento mais consciente e profundo do fenômeno do mal e das atitudes e dos comportamentos éticos individuais e coletivos; e, com os meios de que disponho (aulas, intervenções públicas, ensaios, vida social e privada) participar mais ativamente na (re)construção da vida na polis do século XXI (p. 12).

A passagem embasa a «Introdução», quando o autor toma posições, esclarece-as e norteia a leitura dos capítulos.

Primeiramente Nogueira explicita seu dissabor com a crítica literária, em provável defesa de desafetos. Alude à «devoração monótona e inconsequente em que a atividade crítica tantas vezes se transforma» (p. 10) e anuncia sua ação contrária: a convicção de que seu estudo é inovador, fruto de trabalho resiliente.

Nogueira segue, tratando da questão do mal na obra de Saramago, problematizada na sua «ação individual e na prática social e política (numa palavra: na vida ética)» (p. 11-12), material detalhado nos capítulos.

São anunciadas, então, teses sobre a natureza humana que conduzirão as análises:

[...] o mal é inerente ao ser humano enquanto espécie, parece ser (ou é) mais tentador e universal do que o bem, mas não constitui uma fatalidade a que temos que os resignar; em maior ou menor escala, faz parte do passado, do presente e do futuro de todas as sociedades e de todos os seres humanos; interage com a energia que lhe é contrária, o bem, e ora se lhe sobrepõe, ora é por ela mitigado ou anulado (p. 12)

Acoplado a elas, há o apontamento de fontes utilizadas — Philip Zimbardo, Rousseau e Hannah Arendt, além dos mais recentes Susan Neiman, António Marques e Miguel Real.

Por fim, Nogueira registra um elemento precioso ao seu percurso: o discurso «Da estátua à pedra». Ele assume o desconforto gerado pelo texto, entendido como desqualificação da fase da estátua. Porém, revela a saída interpretativa encontrada ao ler «A Estátua e a Pedra ou a magia das ficções», de Carlos Reis, segundo o qual, em todas as obras saramaguianas, há o mesmo que em «Ensaio sobre a cegueira», embora em menor evidência, idéia propulsora da pesquisa.

Dito isso, prenuncia o teor dos seis encorpados capítulos. Para cumprimento dos termos exigidos para esta recensão, pesarosamente, seleciono três deles.

O capítulo III, «O ano de 1993 a Alabardas: mala mundi», subdivide-se em «O ano de 1993: é tempo dele ainda»; *Levantado do chão*: «tudo isto são males, e grandes males»; O interior da pedra em personagens de *Levantado do chão*; A poética saramaguiana da morte, do sofrimento e da violência; *O ano da morte de Ricardo Reis*: a morte blanchotiana de Ricardo Reis e o mal político; *O evangelho segundo Jesus Cristo, In Nomine Dei e Caim*: «diante da dor dos outros». O arranjo desse mapa mundi permite ao leitor se deslocar às subpartes, percebendo o mal na composição da dualidade mais básica do ser humano, marca dos ciclos estátua e pedra.

Seleciono as reflexões acerca de *O ano de 1993*, «livro essencial para percebermos o percurso de Saramago como escritor, o seu envolvimento na vida política portuguesa, a sua visão e o seu imaginário interartísticos, bem como a sua noção de mal» (p. 73). Elas sintonizam-se com a afirmação de a obra revelar «a angústia, o medo e também a esperança de um povo vivendo sob a ocupação, primeiro resignado e submisso, depois, pouco a pouco, organizando a resistência até à batalha final e ao recomeço da vida, paga com o preço de mil mortes (Saramago, 2018: 28)» (p. 75).

A citação indica que Nogueira lê essa obra relacionada ao contexto de 1975, o que lhe permite deduzir um Saramago não rousseauiano, que aconselha: «há que olhar para a natureza humana com suspeição e há que saber como reformar as instituições e promover um humanismo e um humanitarismo interculturais, porque o bem e mal não estão, por si só e deterministicamente, nem no povo, nem nas elites que governam, nem em cada um de nós» (p. 77).

A inferência reforça o entendimento de «Da estátua à pedra», pelo princípio da responsabilidade presente em personagens das fases, como «José Calmedo (*Levantado do Chão*) e a mulher do médico (*Ensaio sobre a cegueira*). A retomada da perspectiva sobre o percurso entre os ciclos elucidada onde se assenta o mal:

[...] aceito, como enquadramento para a obra que vai até *Ensaio sobre a cegueira*, a tese do primado do mal que nasce sobretudo da organização social injusta; mas não encontro motivos para não considerarmos já nesta fase a centralidade da visão pessimista saramaguiana sobre a natureza humana, entendida como um mosaico irreduzível a uma definição única e, ao mesmo tempo e necessariamente, pontificada em homens (e mulheres) concretos (p. 78).

Assim, ao analisar *O Ano de 1993* como obra de horror e de desalento (p. 79), o crítico ressalta o processo estético como instrumento de denúncia do mal:

[...] o belo desta obra (ou a sua *desestização*, por contraponto ao belo clássico) é quase insuportável, abala as nossas certezas, o nosso conformismo e comodismo. Essa narrativa poética é atemporal e universal porque Saramago soube pontuá-la de múltiplas perspectivas criativas (do neorealismo ao surrealismo e à poesia experimental e visual) e de referências histórico-sociais antigas, modernas e contemporâneas (p. 79).

Seu modo de percebê-la sustenta sua tese e demonstra que ele, leitor de Saramago e de obras lidas por Saramago, compreende o tom de descrença realizado na tecitura autoral.

O capítulo IV, «*Ensaio sobre a cegueira, Ensaio sobre a lucidez e Alabardas*», também está subdividido: «Mal banal, mal radical: o mal fora e dentro da pedra»; «*Ensaio sobre a cegueira*» e «*Blindness: imago mundi*».

Distingo a primeira seção pela frequência a áreas diversas, como a etologia humana, complexificando o tratamento do mal: «em Saramago, a violência

que nasce e se multiplica dentro da violência é, primeiro, antropológica e, portanto, menos passível de uma explicação antes de mais ideológica e política» (p. 230).

Também em especial surge o diálogo aliado ao pensamento de Kant e confrontante (senão questionador) com o pensamento de Hannah Arendt, para «identificar e, na medida do possível, explicar ou compreender razoavelmente, em *Ensaio sobre a cegueira*, o mal como acontecimento realizado conscientemente por uns e vivido por outros...» (p. 231).

Decorre desse propósito uma acirrada discussão: «mal radical, segundo a expressão e o conceito de Kant, ou mal banal, na terminologia de Hannah Arendt?» (p. 231). Para desenvolvê-la, cita o próprio narrador, que empuxa à responsabilidade moral:

Quanto a nós, permitir-nos-emos pensar que se o cego tivesse aceitado o segundo oferecimento do afinal falso samaritano, naquele derradeiro instante em que a bondade ainda poderia ter prevalecido, referimo-nos ao oferecimento de lhe ficar a fazer companhia enquanto a mulher não chegasse, quem sabe se o efeito da responsabilidade moral resultante da confiança assim outorgada não teria inibido a tentação criminosa e feito vir ao de cima que de luminoso e nobre sempre será possível encontrar nas almas mais perdidas (citado na p. 233).

Na esteira da reflexão, vê-se o compromisso com o debate acerca do que ele julga ser um problema na definição de Arendt, considerando, à luz de António Marques, que ela «está precisamente a expulsar a esfera do ético da vida activa» (p. 235).

O embate constituído a partir desses modos de leitura se ilustra pelo símile entre a atuação de Saramago quando da construção do personagem ladrão de carros e a análise científica de Arendt da pessoa Adolf Eichmann.

Para dar conta do paralelismo, Nogueira estuda as teses da teórica alemã, dilucidando o que lhe parece ser equivocado: «Contrariamente a Hannah Arendt, defendo que as raízes do mal num homem como Eichmann não só são uma realidade como podem ser relativamente bem compreendidas» (p. 247). Com essa acareação, investe na sua tese quanto ao agenciamento do mal pelo ser humano, de forma que trata equivalentemente mal banal e mal radical, «com raízes na personalidade de quem o pratica» (p. 248).

O capítulo vi, «José Saramago comunista na literatura de cordel brasileira», se integra de Medeiros Braga e Saramago: literatura e política; comunismo(s);

Materialismo histórico e idealismo em Saramago; A Questão é a do Socialismo; Novo Capitalismo? *A Caverna e Os animais doidos de cólera*: Por uma nova habitação na terra; Ainda o comunismo de Saramago; A favor e contra o conceito de mal: o(s) eixo(s) do mal; A espécie humana não é muito de fiar.

Nele, parece-me, o pesquisador abdica de uma entrada mais demarcada na produção de Karl Marx, num corpus mais potente do pensador alemão, diferente do que ocorreu relativamente a outros teóricos. Então, permito-me algumas considerações, que, conforme se verá, não tiram o vigor da pesquisa, mas possibilitam o diálogo no qual são postos em xeque alguns elementos, como aliás, permitem os bons textos e como o próprio Nogueira ensina em seu diálogo com Arendt.

No item Medeiros Braga e Saramago: literatura e política; comunismo(s), ele estuda o folheto de cordel José Saramago: *Vida e Morte*, da autoria de Medeiros Braga, como literatura e ação política, fazendo interpretação do socialismo no romancista português e no cordelista brasileiro. Evidencia, no primeiro, o comunista escritor e, no segundo, o escritor comunista. Registro uma passagem dentre as que me possibilitam refletir, questionando-a, conforme apenas a percebo:

Para Marx, a existência, a vida, determinava as ideias, a consciência; para Lenine, precisamente para a apressar a revolução e a direção da História, teriam de ser as ideias a determinar (forçar) a existência, a vida. Para Saramago, contudo, não há um fim (socialista ou outro) da História, não há uma direção linear e predeterminada, nem pode ou deveria haver uma revolução sem a radical individualidade de cada um(a), sem os pensamentos, os sentimentos, as emoções, as vontades e as ações individuais (p. 339).

Não me parece adequado colocar Marx e Lenine em linhas de raciocínio divergentes, em especial se levarmos em conta o movimento dialético que constitui o pensamento de ambos. A idéia de um determinismo em Marx soa incoerente com o que é o próprio do materialismo histórico, movimento analisado pelo estudioso em seu caráter dialético, conforme sua frase «Os homens fazem sua própria história; contudo não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como as encontraram» (Marx 1894: 25). Nela, é iniludível o movimento histórico que delega aos homens (e os amarra à) a feitura de sua própria história, percurso não determinado nem

determinista. Se estão no processo materialista, se fazem sua própria história que demanda novos passos históricos, estão também ali seus pensamentos, emoções, e ações individuais.

Há, ainda, reflexões marxianas que podem levar à consideração de que as ideias de Lenine se coadunam com as dele, conforme trecho de carta de 1881, enviada à militante Vera Ivanovna Zaslith, quando ele próprio revisa o *Manifesto Comunista*:

O *Manifesto* tinha por tarefa proclamar a inevitável, a iminente dissolução da propriedade burguesa moderna. Mas na Rússia encontramos, ao lado da negociata capitalista em rápido florescimento e da propriedade burguesa da terra que agora começa a se desenvolver, mais da metade do solo na posse comunitária dos camponeses. A questão, agora, é: poderá a *obschina* russa, forma (embora já fortemente solapada) da primitiva propriedade comum do solo, passar diretamente para a forma superior da propriedade comunitária comunista? Ou, ao contrário, terá de passar primeiro pelo mesmo processo de dissolução que constituiu o desenvolvimento histórico do Ocidente?

A única resposta hoje possível a tal questão é a seguinte: se a revolução russa se tornar o sinal de uma revolução proletária no Ocidente, de modo que ambas se complementem, a atual propriedade comum russa do solo pode servir de ponto de partida para um desenvolvimento comunista (Marx 1848: LXXXV).

A leitura do pensamento que se processa do jovem ao velho Marx poderia, talvez, promover novas luzes sobre a questão, principalmente pela sua práxis dialética.

Essas considerações em nada descuidam da qualidade dos estudos de Nogueira, que, além do exaustivo trabalho de pesquisa, consoantemente preocupado com a divulgação honesta da obra saramaguiana, são uma das leituras infinitas que ela permite.

As ponderações desta recensão tentam dar conta do conteúdo de *José Saramago: a literatura e o mal* (2022). Pela leitura, verificou-se o cumprimento do objetivo de compreender como o mal é um elemento fundamental no autor português.

Tal finalidade é fomentada pela frequência a pensadores, em diálogo com o conjunto da obra saramaguiana, uma empreitada cuja missão é anunciada emocionalmente: Carlos Nogueira se posta como um ser que se engaja na sociedade pelo seu viés de pesquisador e, em especial, de Saramago. Essa pessoalidade dá vigor e alma à pesquisa realizada.

Reafirmo a estratégia textual do diálogo com vários estudiosos, ora respaldando-se neles, ora negando-os, sempre os relevando como iluminadores do caminho de pesquisa, conforme o trecho:

Em segundo lugar, porque essa aproximação é nuclear nas páginas que José Horário de Almeida Nascimento Costa dedica a *Terra do Pecado*, no estudo *José Saramago: O Período formativo*, que constitui a tese de doutoramento que este ensaísta apresentou à Universidade de Uale em 1994. Não me revejo na leitura deste autor, mas compreendo melhor o romance por ter lido e analisado os argumentos que, com seriedade e inteligência, ele apresenta (p. 41).

A construção desse aparato de diálogos promove efeitos ao leitor: segurança diante do lido; aprendizagem do exercício crítico; respeito às vozes precedentes.

José Saramago: a Literatura e o Mal é leitura obrigatória para estudantes de áreas que dialoguem com a literatura. Também pode ser instrumento de aprendizagem sobre o ato de pesquisar, que exige resistência à concordância reconfortante e enfrentamento corajoso e humilde da discordância. Suas qualidades e singularidades permitem ao pesquisador Carlos Nogueira dispensar a preocupação com a crítica pernóstica e vazia a que aludiu na Introdução.

O Prémio Literário Vergílio Ferreira 2022 lhe faz justiça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LÊNIN, Vladimir Ilitch (2017). *O estado e a revolução*. São Paulo: Boitempo.
 MARX, K.; ENGELS, F. ([1848] 1998). *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez.
 MARX, K.; ENGELS, F. ([1894] 2013). *Luta de classes na Rússia (1875-1894)*. Ed. de Michael Löwy. São Paulo: Boitempo.
 NETTO, José Paulo (2020). *Karl Marx: uma biografia*. São Paulo: Boitempo.

VERA LOPES DA SILVA
 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
 Profveralopes55@gmail.com



Copyright © Vera Lopes da Silva, 2023. This document is under a Creative Commons Attribution-Non commercial-No Derivative Works 3.0 Unported License. To see a copy of this license click here <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/legalcode>.